

## PREFÁCIO

O uso prejudicial de animais no ensino universitário ainda é regra na grande maioria das universidades brasileiras, e de fato não temos idéia das proporções deste método em termos de quantidade de vidas animais desperdiçadas, que muito possivelmente deve chegar à casa das dezenas de milhares. Importante salientar de início que a prática centenária da vivissecção/dissecção não vitima somente cavalos, porcos-da-índia, cães, ovelhas, gatos, vacas, rãs, camundongos, porcos, ratos e outros animais; estudantes se tornam também vítimas indiretas de tais práticas.

O uso de animais expõe o estudante muitas vezes a contradições, como o de matar para salvar, ou desrespeitar para respeitar. Impõe a muitos estudantes a decisão de cumprir com a tarefa e deixar para trás seus princípios éticos e/ou minimizar suas condições emocionais – e de antemão sabemos que não há muito espaço para a emoção no saber científico.

O uso de animais é um tema controverso que pode ser aberto em muitos leques, e questionado sobre muitas perspectivas que se intercalam. Gostaria de denotar algumas das abordagens que considero relevantes para a discussão desse tema.

Uma abordagem psicológica poderia considerar os fatores emocionais e cognitivos que possam vir a ser envolvidos ou acessados com a prática, expressos por estudantes através de nervosismo, brincadeiras, tensão, apreensão, repulsão, etc., juntamente com o possível desenvolvimento de mecanismos de adaptação e dessensibilização. Quanto a estes mecanismos, em muitas oportunidades pude entrar em contato com estudantes que iniciavam suas práticas com animais demonstran-

do uma certa apreensão ou insegurança moral, que tende a minimizar com o tempo. O animal é coisificado, afastado da condição de sujeito, re-significado, para que a prática seja mais aceitável.

Uma abordagem pedagógica poderia levar em consideração o fator plural da sociedade em seus conjuntos de crenças e valores, em suas diferentes posturas em relação à interação entre animais e humanos. Assim, a sala de aula passa a ser um mosaico, onde diversas opiniões acerca desta relação podem ser encontradas e consideradas. Sob um prisma cultural, ao considerar a vivissecção/dissecção não como uma metodologia ahistórica e a-temporal (e portanto neutra), mas como resultado de um contexto histórico/social característico de uma determinada época, os valores inerentemente transmitidos por tal prática seriam elucidados e trabalhados. O instrumento em questão é problematizado em seu ideal pedagógico.

Dentro de um enfoque hermenêutico, a própria expressão que o termo "uso" sugere dificilmente está dissociada de uma visão instrumental associada à prática em si. Não somente a posição do ser humano como senhor e dominador dos animais e da natureza é reforçada neste contexto, como também o caráter descartável e consumível da vida não-humana. Nos biotérios universitários é comum que se refira ao número de animais disponíveis a tais práticas como estoque, e que se usem termos como demanda, produção e consumo de animais. Tais termos, naturalizados, possuem uma carga de significação relevante para a discussão em questão.

Abordagens técnicas são direcionadas mais propriamente a cursos onde o modelo em estudo não condiz em características em relação ao sujeito final, onde o conhecimento ou técnica será aplicada. Um exemplo disso é o uso de cães para o ensino de técnica cirúrgica em medicina humana. Desconsiderar as diferenças relacionadas à resistência tecidual, coeficiente de sangramento, disposição e tamanho dos órgãos, reação a anestésicos e outros aspectos fundamentais não podem garantir que estudantes que obtenham sucesso através do treinamento em quadrúpedes o tenham quando o apliquem em seres humanos. Seres humanos ou animais também não são conjuntos de tecidos e órgãos. O contexto psicológico em que animais e humanos se encontram interfere no sucesso de intervenções médicas. E ao praticar "cursos de corte e costura" em animais, educa-se para que este aspecto fundamental seja reduzido ou descartado. A educação em cirurgia humana e veterinária no Brasil, salvo poucas exceções, ainda deixa muito a desejar em relação a inovações didáticas mais humanitárias.

Uma abordagem financeira do uso de animais, pouco considerada quando o argumento apela para o investimento "alto" na implementação de metodologias alternativas, levaria em conta os gastos que a vivissecção/dissecção exigem, desde o uso de substâncias e equipamentos exigidos, tempo consumido, corpo técnico envolvido, aos processos de captura e transporte, estabelecimentos de "armazenamento e produção" (usando a terminologia padrão), e gastos com alimentação, energia e água para a manutenção destes animais.

Finalmente, as abordagens éticas trazem à tona as questões referentes ao status moral que os animais possuem em nossa sociedade em nossa relação com estes. Perguntas baseadas nestas questões nos indagariam: O que nos dá o direito de utilizar animais? O que exclui animais de nossa esfera de consideração moral? Porque matar um rato pode ser mais aceitável do que matar um cão? Existiria diferença entre usar um cão vira-lata e abandonado a um cão de raça? Quais as implicações morais desta justificativa? E assim por diante. O uso de animais na educação educa a uma ética antiquada que se transmite através do currículo oculto.

Outras muitas abordagens ainda são possíveis. Mas com o que foi brevemente apontado, este assunto tem sua amplitude relevada, e denota um potencial de debate que lhe é característico. Com este livro do colega e amigo Sérgio Greif, espero que o quase-silêncio encontrado na academia em relação a tal tradição seja quebrado em muitas vozes.

Uma nova tendência na educação está se manifestando, uma vez que uma preocupação ambiental e ética cada vez maior se insere dentro da academia, e entram em conflito com velhos métodos que não correspondem mais à realidade social e moral. São novos valores que pouco a pouco vão sendo considerados. Pessoalmente, vejo como uma questão de tempo, pois a prática do uso de animais seja ela em que área for, é insustentável do ponto de vista econômico, ecológico, ético, pedagógico e principalmente, incompatível com uma postura de respeito e cuidado para com a vida.

Thales de A. e Tréz, M.Sc.

Coordenador da InternicheBrasil Prof. Depto de Metodologia do Ensino, UFSC